



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Sandra Mara Vieira Oliveira^{*****}
(UESB)

Acssel de Sousa Lisboa⁺⁺⁺⁺⁺
(UESB)

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre uma prática investigativa realizada com os alunos do VII Semestre matutino e VIII Semestre noturno (2015.1) do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, na disciplina Oficinas Pedagógicas para o Ensino da Geografia. A fim de compreender melhor o que esses licenciandos entendiam acerca do ofício de professor, foi apresentada à turma uma proposta metodológica que consistia na elaboração de narrativas autobiográficas por meio das quais os discentes narrariam suas histórias de vida, com base nos seus processos pessoais de escolarização até o Ensino Médio e a vivência da formação inicial na graduação que se encontra em fase de conclusão. Os pressupostos teóricos sobre a investigação com narrativas autobiográficas e formação docente teve como referência autores como Passeggi (2011), Silva e Maia (2010), Couto (1998), Cunha (1997) e Larossa (1994) dentre outros. As narrativas autobiográficas se constituem como um método dinâmico e relevante no processo de formação docente, uma vez que parte da reflexão de comportamentos e experiências anteriores para uma reconfiguração e aperfeiçoamento de técnicas e comportamentos, ou seja, de saberes que refletirão de forma positiva no desenvolvimento do professor.

Licenciada em Geografia e Mestre em Educação. Professora do Departamento de Geografia da UESB e Coordenadora de Área do Subprojeto de Geografia do PIBID/UESB. Membro do Grupo de Pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais. Coordenadora do Projeto de Extensão do Laboratório de Ensino de Geografia – LABGEO. svsandramara@gmail.com

^{*****} Licenciando em Geografia. Bolsista do Projeto de Extensão do Laboratório de Ensino de Geografia – LABGEO. Colaborador do Subprojeto de Geografia do PIBID/UESB.

acssuel_lisboa@hotmail.com

+++++



PALAVRAS – CHAVE: Formação docente, narrativas autobiográficas, oficinas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O processo de formação docente é dinâmico e está sempre buscando novas formas e práticas para o seu desenvolvimento, uma vez que essa dinamicidade é fundamentalmente importante na construção dos saberes e conhecimentos do indivíduo. As narrativas autobiográficas se apresentam como um importante método investigativo nesse processo de formação, no sentido de contribuir para um novo olhar sobre a Educação e os processos formativos a partir da reflexão das respectivas histórias de vida dos sujeitos envolvidos. “Dessa forma, a pesquisa baseada em narrativas autobiográficas afirma-se como possibilidade de tomar a experiência humana como objeto de conhecimento, passivo de mensuração, análise e interpretação” (SILVA; MAIA, 2010, p. 4).

Este artigo apresenta reflexões sobre uma prática investigativa realizada com os alunos do VII Semestre matutino e VIII Semestre noturno (2015.1) do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, na disciplina Oficinas Pedagógicas para o Ensino da Geografia, componente curricular responsável por planejar, organizar, estruturar e orientar a vivência de oficinas pedagógicas ministradas aos alunos do Ensino Médio da rede estadual de ensino do município de Vitória da Conquista - BA. As atividades realizadas nesta disciplina aconteceram em parceria com o projeto de extensão “Assessoria permanente aos professores de Geografia do Ensino Fundamental e Médio” do Laboratório de Ensino de Geografia – LABGEO.

O trabalho apresenta inicialmente os aspectos teóricos que embasam as práticas investigativas com narrativas autobiográficas e a sua importância no processo de formação docente e em seguida relata a prática vivenciada em sala de aula bem como os respectivos resultados destas vivências.



A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM AUTOBIOGRÁFICA

A narrativa enquanto método tem contribuído nos estudos sobre a formação de professores e conforme Cunha (1997), “não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem, também, como sujeitos de sua própria história.”

O desenvolvimento do método autobiográfico que envolve as relações de experiências e vivências a partir da autorreflexão, surge nesse contexto com o propósito de resgatar conhecimentos e compreensões do cotidiano do indivíduo para uma melhor compreensão e desenvolvimento da sua formação docente, uma vez que:

As grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfazem mais aos seus destinatários, pois as pessoas querem compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades, contradições e problemas que esta lhes impõe. (NASCIMENTO, 2010, p.2)

Assim, em relação às questões educacionais as mudanças podem acontecer na perspectiva de se buscar novas respostas e compreensões a partir das histórias de vida e da análise destas. “Os materiais autobiográficos proporcionam uma observação e reencontro frequente numa interação interpessoal que é densa e complexa” (NASCIMENTO, 2010, p. 3), oferecendo uma gama de variáveis analíticas que contribuem no desenvolvimento do ensino-aprendizado.

O crescimento e desenvolvimento, tanto pessoal quanto profissional, depende, dentre outras coisas, do seu contexto histórico pois “a pessoa não vive e nem se faz sozinha e sua trajetória tem uma implicação histórica e social, ou seja, sua forma de ser e estar no mundo tem a ver com as condições contextuais e existenciais que marcam toda sua vida” (SILVA; MAIA, 2010, p. 3).

No processo narrativo, o indivíduo ao utilizar da abordagem autobiográfica se coloca no contexto com sua história de vida como ponto central, enfatizando os



momentos que estão relacionados, nesse caso, com sua formação educacional e/ou profissional e também aquela relacionada com o mundo lá fora (família, vizinhanças, amigos, inimigos e etc.). Ao se perceber ou refletir sobre sua história, pode-se dizer que o processo, nesse caso, se torna mais vulnerável às intervenções e criações de fórmulas e práticas para aperfeiçoamentos e melhorias.

Nessa discussão, Nascimento destaca que:

A abordagem autobiográfica inevitavelmente desencadeará um processo de autoformação. É a união do mais pessoal com o mais universal, no sentido de que o esforço pessoal de explicitação de uma dada trajetória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e coletiva. (2010, p. 04)

Portanto, essa abordagem pode se constituir como um método que se destaca pela reflexão sobre determinado processo histórico onde o pessoal e/ou particular se fundem com o todo social, ou seja, as relações sociais na qual está inserido, mesmo que de forma indireta e subjetiva.

As narrativas são pensamentos e reflexões da vida, conforme Gaspar (2013), "é um recurso para explicitar os dilemas com relação a atuação profissional", mas também aqueles relacionados às questões pessoais. Esses dilemas são as situações difíceis, situações problemas, que o indivíduo passou. A partir dos dilemas, junto com as demais situações vivenciadas, o próprio sujeito pode se permitir um reconhecimento e reajuste de seu próprio desenvolvimento. Assim,

[...] a pesquisa com narrativas autobiográficas tem um propósito fundamental, o de dar vez e voz à pessoa-sujeito da investigação e, desse modo, oportunizar-lhe aprender, crescer e se desenvolver a partir de suas experiências pessoais, profissionais, enfim, formativas, em um "processo de caminhar para si". (SILVA; MAIA, 2010, p.4).



Constitui-se então, como método de pesquisa e análise que possibilita o (auto) conhecimento e reafirmação enquanto sujeito, contribuindo nesse caso, para o desenvolvimento enquanto professorando, uma vez, que a construção do saber docente vai se dar a partir da sua reflexão, focando principalmente nos momentos marcantes relacionados à escola e educação.

Segundo Souza, a emergência das autobiografias e sua utilização cada vez mais crescente nas pesquisas educacionais revelam a importância dessa prática, pois potencializa o entendimento de diversos aspectos acerca da educação. Para o autor,

[...] Isso acontece, também, porque as biografias educativas permitem, através do texto narrativo, adentrar um campo subjetivo e concreto das representações de professores sobre as relações ensino-aprendizagem, sobre a identidade profissional e os ciclos de vida e, por fim, buscam entender os sujeitos e os sentidos e situações do/no contexto escolar.(SOUZA, 2007, p.5)

As investigações e reflexões a partir das narrativas constituem-se, em uma abordagem sistêmica no qual existe uma interação e relação do sujeito com ele mesmo, com o mundo e com o outro. Dessa forma, possibilita uma reflexão histórica de sua trajetória e formação pessoal incluindo as relações como um todo, auxiliando, no caso da formação docente, no desenvolvimento e aperfeiçoamento de características profissionais e pessoais no processo de ensino e aprendizagem.

As narrativas autobiográficas, não se acentuam de forma espontânea, mas nelas a experiência aparece a partir da percepção do indivíduo que a vivenciou, expondo a maneira como cada pessoa se representa e se reconhece diante de si próprio, dos outros e dos diferentes contextos e espaços (SILVA; MAIA, 2010). Portanto, a partir destas premissas, as narrativas proporcionam as afinidades e implicações do sujeito até mesmo em relação às suas próprias experiências.



Na perspectiva da formação docente, o sujeito em sua narração autobiográfica, irá enfatizar momentos que fazem, ou que considera que está relacionado a sua formação enquanto docente, ou seja, de certa forma, ele seleciona os relatos. Segundo Silva e Maia,

[...] ao narrar acontecimentos passados a pessoa lembra, seleciona e relata as experiências que apresentam algum significado em um contexto específico, de modo que a narrativa sempre reflete a perspectiva do sujeito. Essa perspectiva, por sua vez, reflete as condições contextuais nas quais o narrador se encontra, relativamente à situação de pesquisa, quer dizer, à natureza e especificidades da interação estabelecida entre o investigado e o investigador. (SILVA; MAIA, 2010, p.7)

Contudo, os relatos acontecem a partir do ponto de vista do narrador, relacionado ao assunto específico, levando em consideração o seu olhar e as concepções do tema trabalhado, a partir de sua crença e convicções.

A abordagem se constitui como processual, de forma a construir o pensamento e conhecimento no processo de formação pessoal e, especificamente, do professor. “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011). A partir daí a narrativa de si abrange um trabalho intelectual e de socialização do pensamento, recriando as experiências vividas a partir de suas significações no seu contexto de vida. (SILVA; MAIA, 2010).

As narrativas têm o poder de fazer o indivíduo tornar-se visível para si mesmo, trazendo uma gama de reflexões acerca das suas experiências passadas e presentes. Nesse caso, o professor se coloca em um campo, central, de reflexões e pensamentos das suas práticas sociais vivenciadas e sua postura teórica sobre elas. É necessário haver uma racionalidade de todas as reflexões. Para Gomes (1992),

[...] o professor tem de ser o sujeito da análise que faz de seu próprio cotidiano, implicando a imersão consciente do homem no mundo de sua



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

experiência, num mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários político. (GOMES, 1992 apud CUNHA, 1997, p.6)

Neste processo o professor constrói sua formação identitária através de diversas variáveis referenciais, que são todas as suas vivências e experiências e, “entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço” (CUNHA, 1997). Desta maneira as suas narrativas possibilitam uma maior percepção do processo de formação pedagógica, e uma melhor estruturação do seu desenvolvimento enquanto professor.

Nesse campo da formação docente, as narrativas não devem ser analisadas de forma geral, ou, conforme Cunha, de forma terapêutica, mesmo que envolva relações de afetividade e emocionais. O “apuramento” dessas reflexões deve ser feito com objetivo desejado, o de reconhecer-se como profissional da educação e da sala de aula. Ajudando o professor a problematizar a particularidade histórica da produção de sua posição enquanto sujeito e as formas de socialização que foi construindo no decorrer de suas vivências (CUNHA, 1997).

A formação do sujeito, aqui especificamente do docente, não deve ser vista e analisada somente do ponto de vista da objetividade, ou seja, somente da sua relação com o todo, mas também a partir da subjetividade que envolve as relações e opiniões do sujeito consigo mesmo. “Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos confessantes” (LAROSSA, 1994 apud CUNHA, 1997) em relação a sua formação profissional.

Cunha discute as narrativas como instrumento investigativo (pesquisa) de caráter qualitativo, tanto na educação como no ensino, relacionado à formação de professores. “Se é verdade que o homem é um ser contador de histórias [...], a investigação de caráter qualitativo tem tido o mérito de explorar e organizar este potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através dele” (1997, p. 08). Nessa discussão, as narrativas são métodos de coleta de dados das perspectivas



históricas, ou seja, das reflexões vindas das vivências do sujeito para um certo posicionamento e (re)organização do seu comportamento, a partir da análise destas.

Dessa forma, a partir de suas variáveis e premissas, as narrativas autobiográficas se constituem como método dinâmico e relevante no processo de formação docente, uma vez que parte da reflexão de comportamentos e experiências anteriores para uma reconfiguração e aperfeiçoamento de técnicas e comportamentos, ou seja, de saberes que refletirão, de forma positiva, no seu desenvolvimento enquanto professor. Assim, “cabe, ainda, pensar que viver a história e entender as nossas próprias narrativas poderá ser o melhor exercício de construção do conhecimento sobre este tema” (CUNHA, 1997).

AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E AS OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

No penúltimo semestre do curso de Licenciatura Plena em Geografia os alunos cursam o componente curricular Oficinas Pedagógicas para o Ensino de Geografia com o objetivo de, através da aprendizagem desta metodologia, elaborarem projetos de oficinas pedagógicas para serem aplicadas nas escolas da rede estadual de ensino. O início de uma nova turma sempre traz consigo as inseguranças dos discentes diante da realidade de que estarão assumindo uma sala de aula, mesmo que em equipe, pois o trabalho de ministração das oficinas é coletivo, e com as expectativas inerentes a tais desafios, uma vez que esta experiência se traduz numa preparação para o estágio supervisionado que será vivenciado no último semestre do curso.

A fim de compreender melhor o que esses licenciandos entendiam acerca do ofício de professor, foi apresentada à turma uma proposta metodológica que consistia na elaboração de narrativas autobiográficas por meio das quais os discentes narrariam suas histórias de vida, com base nos seus processos pessoais de escolarização até o Ensino Médio e a vivência da formação inicial na graduação que se encontrava em fase de conclusão. A escrita destas narrativas aconteceu no início da disciplina, mais precisamente na I Unidade e tinha também o objetivo de propiciar ao professor



ministrante deste componente curricular a possibilidade de conhecer a turma de maneira mais individualizada, suas trajetórias de vida e seus percursos formativos até aquele momento do curso.

A aplicação das narrativas possuía também a finalidade de familiarizar os alunos com este instrumento de investigação, enquanto sujeitos naquele momento da pesquisa, contudo posteriormente, na II Unidade da disciplina, como pesquisadores nas escolas de Educação Básica, onde seriam ministradas as oficinas pedagógicas, uma vez que o público alvo (alunos do Ensino Médio), não era conhecido pelos discentes e este instrumento de investigação possibilitaria um maior conhecimento sobre o processo de escolarização destes alunos e o olhar de cada um sobre o espaço escolar, possibilitando assim a elaboração de uma proposta metodológica mais próxima de suas realidades.

A aplicação das narrativas para os licenciandos consistiu nas seguintes etapas:

1. Escrita autobiográfica demarcando os seguintes espaços temporais na vida dos discentes:
 - O percurso da escolarização inicial até a escolha do curso universitário;
 - A trajetória no Curso de Licenciatura em Geografia;
 - Expectativas sobre o que ainda está por vir (estágio, trabalho, concurso) relacionando à sua formação.
2. Roda de conversa obedecendo a alguns critérios de análise que direcionaram as participações dos alunos, tendo como resultado uma síntese do olhar destes discentes sobre sua vida escolar e acadêmica.

A aplicação das narrativas para os alunos do Ensino Médio buscou focar a trajetória de escolarização, como eles se percebiam enquanto alunos e as expectativas após o término do Ensino Médio. Com base nestas informações coletadas, no planejamento do professor regente e na orientação da professora da disciplina, foram elaboradas as oficinas pedagógicas.



Como resultado das sínteses efetuadas nas rodas de conversa, a maioria dos licenciandos destacaram que as principais afinidades para a escolha do curso se deram através da influência dos professores de Geografia da Educação Básica, a identificação com esta área de conhecimento e também o fato da oferta deste curso acontecer no noturno, possibilitando aos que trabalham em horário comercial se inserirem no curso superior. As principais dificuldades apresentadas na trajetória acadêmica dizem respeito à adaptação no início do curso, os docentes que não atuaram com a devida qualidade, prejudicando assim o processo de formação, associar a vida profissional com a vida acadêmica e a não participação nas aulas de campo.

Sobre as lembranças dos melhores momentos no curso, a referência às vivências das aulas de campo foi quase unanimidade, foram destacados também a inserção no espaço da universidade, as amizades adquiridas ao longo da trajetória acadêmica, as aulas dos bons professores que deixaram suas marcas no decorrer do curso e a experiência no Subprojeto de Geografia do PIBID/UESB.

Quando questionados sobre o que os mobilizaram a chegarem até esta etapa do processo formativo, a maioria respondeu que a vontade de concluir o curso era o que os motivavam, os demais apontaram o apoio da família, a força de vontade pessoal, a afinidade com esta área de conhecimento, a decisão de exercer a docência e a busca de uma estabilidade profissional como fatores preponderantes para a permanência.

O olhar dos licenciandos em relação a sua postura como aluno do curso variou bastante, desde aqueles que se viam como dedicados, outros que destacaram a vivência do espaço universitário como fundamental para aprender a se posicionar e argumentar, como também aqueles que confessaram que faltou dedicação e que a relação trabalho/estudos dificultou bastante o processo formativo.

Sobre como se viam como professorandos, uma parte destacou sua insegurança em relação aos fundamentos da ciência geográfica, sendo esta constatação um fator relevante para gerar também inquietação em relação ao estágio que se aproximava, outros deixaram claro que a sala de aula era um espaço que se sentiam bem, que



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

procuravam aplicar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas de metodologia do ensino de Geografia e isto gerava uma boa expectativa em relação ao estágio. Em relação às expectativas sobre o que estava por vir após a conclusão da licenciatura, a maioria informou que deseja ser professor, se especializar, fazer concursos e ensinar no Ensino Fundamental e Médio.

Observou-se nas falas dos alunos nas rodas de conversa, diversas contribuições que reportavam à memória das suas trajetórias e a relevância das escolhas feitas nestes percursos formativos; a avaliação do corpo docente, contribuindo ou não no processo de formação através das práticas pedagógicas; a importância das aulas de campo enquanto possibilidades de vivências de aprendizagens que ultrapassam as paredes das salas de aula, materializando a teoria na prática; o olhar crítico do aluno em relação à sua formação e a clareza da maioria sobre a opção do exercício da docência.

A maioria dos licenciandos que contribuíram com esta prática investigativa se mostraram abertos diante da possibilidade de exercer o ofício de professor, apesar das suas narrativas terem atestado que a maior parcela destes alunos vivenciaram a realidade da escola pública no seu processo de escolarização inicial, alguns com boas experiências, outros nem tanto assim, e também por terem conhecido esta mesma escola pública nas vivências dos estágios oferecidos pelas metodologias de ensino de Geografia no decorrer do curso, enquanto práticas obrigatórias que preparam para o estágio final de conclusão do curso, estando cientes das dificuldades estruturais dos espaços escolares formais e das demandas em relação ao exercício deste ofício.

CONCLUSÕES

A formação docente é um processo complexo e exige um constante fazer-se, assim, abordar tal formação por meio de narrativas autobiográficas relacionadas ao processo de escolarização, desde a fase inicial até a conclusão do curso, se apresentou como um desafio, mas também como uma vivência que contribuiu na reconfiguração do olhar



sobre cada percurso formativo. Segundo Scholes, (1981, apud, COUTO, 1998, p. 122), “Uma narrativa é a apresentação simbólica de uma sequência de acontecimentos ligados entre si por determinado assunto e relacionados com o tempo”. O ato de narrar é sempre carregado de uma simbologia, e na experiência específica relatada neste artigo verificou-se também uma contribuição tanto no processo de reavaliação das trajetórias individuais de formação, como também o entendimento da importância de se conhecer os alunos da Educação Básica e como este conhecimento pode contribuir no direcionamento das nossas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- COUTO, C. G. **Professor: o início da prática profissional**. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa. Lisboa. 1998.
- CUNHA, M. I. da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596>> Acesso em 20 de abril de 2015.
- GASPAR, M. M. G; PEREIRA, F.; PASSEGGI, M. da C. **As narrativas autobiográficas e a formação de professores: uma reflexão sobre o diário de acompanhamento**. Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/iiijornadashistoriasvida/pdf/>> Acesso em 27 de março de 2015.
- NASCIMENTO J. C. **As narrativas (auto)biográficas como espaço/tempo de formação do professor alfabetizador**. UNIRIO, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss01_02.pdf> Acesso em 28 de março de 2015.
- PASSEGGI, M. da C. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>> Acesso em 1º/10/14
- SILVA, F. C. R.; MAIA, S. F. **Narrativas Autobiográficas: interfaces com a pesquisa sobre formação de professores**. In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 2010, Teresina-PI. Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2010.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Disponível em:
<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_22.pdf> Acesso em 28 de março de 2015.
SOUZA, E. C. (Org.). História de vida e práticas de formação: escrita de si e cotidiano escolar. In: _____. Histórias de vida e Formação de professores. **Salto para o Futuro**. Boletim, 2007. TV Escola – SEED/MEC.